



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E
SECRETARIADO EXECUTIVO – FEAACS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

THAYANNE MAYRA MATOS DE ALMEIDA

TRANSIÇÃO AO ENSINO SUPERIOR: O PROCESSO DE ESCOLHA E
ADAPTAÇÃO DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO

FORTALEZA

2018

THAYANNE MAYRA MATOS DE ALMEIDA

**TRANSIÇÃO AO ENSINO SUPERIOR: O PROCESSO DE ESCOLHA E
ADAPTAÇÃO DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Secretariado Executivo do Departamento de Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Secretariado Executivo.

Orientador: Daniela Giareta Durante.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A451t almeida, Thayanne mayra matos de.
TRANSIÇÃO AO ENSINO SUPERIOR : O PROCESSO DE ESCOLHA E ADAPTAÇÃO
DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO / Thayanne mayra matos de almeida.
– 2018.
57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Secretariado
Executivo, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Me. daniela giareta durante.

1. Adaptação acadêmica. 2. Ensino superior. 3. Escolha profissional. I. Título.

CDD 651.3741

THAYANNE MAYRA MATOS DE ALMEIDA

**TRANSIÇÃO AO ENSINO SUPERIOR: O PROCESSO DE ESCOLHA E
ADAPTAÇÃO DOS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Secretariado Executivo do Departamento de Administração da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Secretariado Executivo.

Orientador: Daniela Giareta Durante.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Daniela Giareta Durante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Elaine Freitas de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Emiliano Sousa Pontes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, por sua infinita bondade.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Daniela Giareta, por sua paciência e compreensão, além de seu cuidado com o aprimoramento desse estudo.

A todos os professores que contribuíram para a obtenção de conhecimento no decorrer do curso de Secretariado Executivo.

Ao querido Edson Rodrigues, que, com muita dedicação e carinho, deu todo suporte para os alunos de nosso curso e se tornou um amigo.

Aos meus familiares, que apoiaram desde o início a minha trajetória acadêmica.

Aos amigos que fiz durante o curso e que tornaram mais amena esta caminhada.

Ao meu terapeuta, que me conduziu pelo caminho do autoconhecimento e aceitação.

RESUMO

O ingresso ao ensino superior é marcado por uma série de desafios inesperados e complexos e é neste período que o ambiente estudantil se torna um fator preponderante para a construção da identidade do indivíduo, podendo afetá-lo de forma positiva ou negativa. A partir disso, o questionamento que motivou este estudo foi: como se dá o processo de transição à universidade para o aluno ingressante? Para responder a essa questão, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar o processo transitório dos alunos ao ensino superior, que inicia com a escolha do curso, passa pela integração à universidade e culmina com a adaptação ao primeiro ano da graduação. A pesquisa é qualitativa e descritiva. As informações foram coletadas por meio de entrevista semiestruturada, realizada com estudantes ingressantes, em 2018.1, no curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará. Os relatos dos sujeitos foram analisados a partir da análise de conteúdo. Verificou-se que, embora fatores externos venham a influenciar na escolha pela opção acadêmica, as aspirações pessoais dos alunos, além do desejo de construir uma carreira de sucesso que traga retorno financeiro, são os fatores mais decisivos na hora da escolha acadêmica, principalmente para aqueles que ainda não sabem ao certo que caminho seguir. Quanto às expectativas dos calouros com relação ao ingresso e integração à universidade, ficou evidente no depoimento dos entrevistados que a expectativa gira em torno das novidades que a vida acadêmica irá proporcionar, não só no seu contexto didático, mas principalmente no contexto das relações construídas no decorrer da formação e as experiências que irão agregar valor no seguimento da carreira. No tocante a adaptação identificou-se que a responsabilidade é repartida entre instituição e aluno, onde a universidade atua na concessão da estrutura e apoio apropriados e o aluno atua no interesse em fazer parte das experiências oferecidas no contexto acadêmico. Pode-se concluir que a universidade e o aluno possuem responsabilidade compartilhada no processo transitório. Contudo, é imprescindível a atenção da instituição direcionada aos alunos, em especial aqueles que estão na fase de transição ao ensino superior, bem como a implementação de intervenções de apoio psicossocial que visem minimizar as dificuldades enfrentadas pelos discentes com relação ao novo contexto educacional atrelado as mudanças pessoais.

Palavras-chave: Adaptação acadêmica. Ensino superior. Escolha profissional.

ABSTRACT

Admission to higher education is marked by a series of unexpected and complex challenges and it is during this period that the student environment becomes a preponderant factor for the construction of the identity of the individual, and can affect it positively or negatively. From this, the question that motivated this study was: how does the process of transition to university for the incoming student take place? In order to answer this question, the main objective of this study was to analyze the transitional process of students to higher education, starting with the choice of the course, passing through the integration with the university and culminating with the adaptation to the first year of graduation. The research is qualitative and descriptive. The information was collected through a semi structured interview conducted with incoming students in 2018.1, in the Executive Secretariat of the Federal University of Ceará. The subjects' reports were analyzed from the content analysis. It was verified that, although external factors influence the choice of the academic option, the personal aspirations of the students, besides the desire to build a successful career that brings financial return, are the most decisive factors in the choice of academics, especially for those who still do not know for sure which way to go. As for the expectations of freshmen regarding admission and integration into the university, it was evident in the interviewees' testimony that the expectation revolves around the novelties that the academic life will provide, not only in its didactic context, but mainly in the context of the relations built in the training and the experiences that will add value in the course of the career. Regarding adaptation, it was identified that the responsibility is shared between institution and student, where the university acts in granting the appropriate structure and support and the student acts in the interest to be part of the experiences offered in the academic context. It can be concluded that the university and the student have shared responsibility in the transitional process. However, it is essential that the institution focus on students, especially those who are in the transition phase to higher education, as well as the implementation of psychosocial support interventions aimed at minimizing the difficulties faced by students in relation to the new educational context linked to the personal changes.

Keywords: Academic adaptation. Higher education. Choose professional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A TRANSIÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR	14
2.1 Escolha Profissional	16
2.1.1 Adolescência	18
2.1.2 Influências da família na escolha profissional	20
2.2 Ingresso e integração à universidade	22
2.3 Adaptação acadêmica.....	24
3 METODOLOGIA	29
3.1 Tipologia da pesquisa.....	29
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	30
3.3 Estratégia de coleta de dados.....	31
3.3.1 Instrumento de coleta de dados	33
3.4 Análise dos dados.....	34
4 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	36
4.1 Entrevistado A	36
4.2 Entrevistado B	38
4.3 Entrevistado C	40
4.4 Entrevistado D	43
4.5 Fatores preponderantes no momento da escolha pela formação superior .	45
4.6 Expectativas dos calouros com relação ao ingresso e integração à universidade	47
4.7 Aspectos vivenciados pelos acadêmicos que interferiram na adaptação a graduação	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA APLICADO AOS ALUNOS ENTREVISTADOS DO PRIMEIRO SEMESTRE DE SECRETARIADO EXECUTIVO.....	57

1 INTRODUÇÃO

A busca pelo ingresso ao ensino superior tem impulsionado o crescimento desse nível de ensino. No Brasil, de acordo com o levantamento mais recente do Censo da Educação Superior, em 2016, 34.366 cursos de graduação foram ofertados em 2.407 instituições de educação superior (IES) para um total de 8.052,254 estudantes matriculados. Os cursos de bacharelado predominam na educação brasileira com uma participação de 69% das matrículas. Em 2016, quase três milhões de alunos ingressaram em cursos de educação superior de graduação (INEP, 2016).

Para Almeida e Soares (2003), grande parte dos alunos que almejam ingressar no ensino superior alimentam a ideia de que essa transição será bastante positiva, já que trará novos desafios de nível social, pessoal e acadêmico, além de uma diminuição do controle dos pais e a possibilidade de construir novos projetos, amizades e relações. Tudo isso gera no estudante um sentimento de antecipação de grande entusiasmo e energia.

Por outro lado, Almeida e Soares (2003) afirmam que a adaptação à universidade é caracterizada por um processo complexo e dinâmico que envolve uma diversidade de fatores. Inclusive as expectativas geradas ao longo da vida com relação à instituição de ensino superior são relevantes, já que a realidade pode, frequentemente, estar aquém daquilo que se espera, tornando-se uma das dificuldades de adaptação enfrentadas pelos calouros.

Caso o entusiasmo inicial seja atrapalhado pelo grande contingente de novas responsabilidades pessoais, sociais e acadêmicas, adicionado ao fator de frustração com a instituição ou curso escolhido, o aluno pode enfrentar dificuldades, especialmente no primeiro ano de sua graduação. Este primeiro ano é um período crítico, que vem a potencializar crises e desafios no desenvolvimento dos discentes e é determinante para os padrões que serão estabelecidos pelos alunos no decorrer da vida universitária (POLYDORO, 2000; ALMEIDA; SOARES, 2003).

Embora o diploma universitário não signifique, necessariamente, uma garantia de emprego, já que as exigências do mercado vão além de conhecimentos específicos e a empregabilidade esteja relacionada à qualificação pessoal, isso só reforça o fato de que é necessário desenvolver competências profissionais que englobem as diversas características exigidas pelo mercado de trabalho para ter um

futuro promissor (SILVA; CUNHA, 2002). Logo, pressupõe-se que a escolha pelo curso e o período de transição para a universidade se tornam questões importantes na vida do aluno, pois a partir daí ele começa a lidar com alguns dos dilemas da vida adulta.

O início da fase adulta é marcado por uma série de desafios inesperados e complexos, sejam eles por parte do novo contexto educacional em que o indivíduo se insere, ou mesmo pela própria transição evolutiva do ser humano, que traz implicações em várias áreas de sua vida. É neste período que o ambiente estudantil se torna um fator preponderante para a construção da identidade do indivíduo, podendo afetá-lo de forma positiva ou negativa (ALMEIDA; SOARES, 2003). Portanto, a integração ao ensino superior representa para os alunos ingressantes o enfrentamento dos desafios propostos pela nova fase, que será de extrema importância para sua permanência na universidade e seu sucesso acadêmico (TINTO, 1975; ALMEIDA, 2002).

Com base nisto, o fator motivador deste estudo foi o seguinte questionamento: como se dá o processo de transição à universidade para o aluno ingressante? Logo, o objetivo geral do presente trabalho é analisar o processo transitório dos alunos ao ensino superior, tendo como contexto da pesquisa o curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará. O processo transitório começa com a escolha do curso, passa pela integração e culmina na adaptação ao primeiro ano da graduação. A transição pode ser entendida como “qualquer acontecimento (ou a sua ausência) que produza mudanças no nível dos relacionamentos, das rotinas, dos papéis do indivíduo, ou possa afetar a ideia ou o conceito acerca de si e do mundo que o rodeia” (SCHLOSSBER; WATERS; GOODMAN *apud* PINHEIRO; FERREIRA, 2002, p. 137).

Para atingir o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: i) investigar fatores preponderantes no momento da escolha pela formação superior; ii) conhecer as expectativas dos calouros com relação ao ingresso e integração à universidade; e iii) identificar aspectos vivenciados pelos acadêmicos que interferiram na adaptação a graduação.

De acordo com Santos *et al.* (2013, p. 782), “vários estudos têm apontado a relevância de se compreender como os estudantes vivenciam o ambiente universitário e tomam suas decisões quanto à vida acadêmica”.

Barros (2002) afirma que promover a qualidade da experiência acadêmica

é uma responsabilidade repartida, que engloba não só a filosofia curricular dos cursos, como também a gestão das universidades e a participação do corpo estudantil. Seguindo esse direcionamento, Scheleich (2006, p. 29) aponta que “o processo de integração ocorre na interação entre estudante e instituição e deve ser compreendido de maneira recíproca e dinâmica em que estudantes também são ativos na modificação do ambiente institucional”. Logo, o ajustamento ao contexto universitário pode ser considerado tópico relevante para discussão e produção de pesquisas acadêmicas como meio de aprimorar as relações entre o discente e a universidade, aumentando as chances de sucesso acadêmico.

A temática da transição à universidade vem sendo amplamente estudada em Portugal, onde várias pesquisas relacionam o estudante ao ambiente universitário e sua adaptação. No Brasil, embora em menor escala, o tema vem sendo explorado, principalmente, pelo viés psicológico, ao que esta pesquisa se diferencia por priorizar descrever as implicações da transição acadêmica na vida dos estudantes pela ótica dos próprios alunos, embora embasada pela literatura existente a respeito do assunto, visando um enfoque mais amplo das adversidades enfrentadas nesse processo e trazendo esta discussão para o âmbito das ciências aplicadas, onde a produção desse tipo de conteúdo ainda é escassa.

Para construir a base teórica da pesquisa, tomou-se como referência principal os estudos realizados em grandes universidades de Portugal, em especial as produções acadêmicas do professor e pesquisador Leandro da Silva Almeida – e colaboradores –, pois este é comumente citado nos trabalhos realizados acerca da temática universitária envolvendo a adaptação dos discentes, o que demonstra a grande influência e contribuição de suas pesquisas no meio. O professor Leandro é doutor em psicologia da educação pela Universidade do Porto, que leciona disciplinas de graduação e de pós-graduação ligadas à formação de psicólogos e professores, em domínios da cognição e aprendizagem, da avaliação psicológica e da metodologia da investigação, além de coordenar projetos de investigação a respeito da cognição e aprendizagem, adaptação e sucesso acadêmico, e, mais recentemente, sobre dotação e excelência em situações de aprendizagem e de rendimento (PLATAFORMA DEGÓIS, 2018). O professor Leandro é comumente citado nos trabalhos realizados acerca da temática universitária envolvendo a adaptação dos discentes

A estrutura do trabalho é dividida em cinco capítulos, tendo como ponto

de partida a introdução, que apresenta a delimitação do tema, bem como o seu embasamento, justificativa e objetivos a serem alcançados com a pesquisa. O segundo capítulo traz a revisão da literatura a respeito do tema central do trabalho e suas subdivisões, abrangendo o ponto de vista de diversos autores sobre os dilemas que envolvem os alunos no momento da escolha pelo curso e instituição de ensino e sua integração ao novo contexto da vida acadêmica. O terceiro capítulo trata da metodologia aplicada para a realização da pesquisa. No quarto capítulo apresentam-se os dados e a interpretação dos resultados. E o último revela as considerações finais acerca da pesquisa, trazendo sugestões a respeito da temática abordada, que servirão para estudos posteriores.

2 A TRANSIÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR

A transição pode ser entendida como “qualquer acontecimento (ou a sua ausência) que produza mudanças no nível dos relacionamentos, das rotinas, dos papéis do indivíduo, ou possa afetar a ideia ou o conceito acerca de si e do mundo que o rodeia” (SCHLOSSBER; WATERS; GOODMAN *apud* PINHEIRO; FERREIRA, 2002, p. 137).

Qualquer que seja a transição, ela se constitui em uma situação que impõe desafios inesperados e que irão requerer do indivíduo mudanças em seus padrões de comportamento para viabilizar seu ajustamento ao novo contexto. Caso essa transição seja bem-sucedida, podemos esperar o progresso do indivíduo, mas ao contrário, é possível que o estresse e o fracasso sejam os sentimentos mais aflorados na vida do indivíduo (SECO *et al*, 2005).

Embora o número de vagas para o ingresso ao Ensino Superior ainda não abranja toda a população, existe um crescimento da massa universitária que tem englobado diversas camadas sociais por meio da democratização. Ao ingressar na universidade o aluno passa por uma transição bastante significativa, já que está frequentemente atrelado ao fato de que várias mudanças e adaptações pessoais inerentes à adolescência ocorrem nesse período (POLYDORO, 2000).

Seco *et al.* (2005) afirmam que existem grandes chances de a entrada ao ensino superior fazer emergir dificuldades e crises no desenvolvimento do aluno, já que o ensino secundário exerce sobre o mesmo um menor nível de exigência e autonomia, realidade diferente da qual ele se depara ao ingressar na universidade. Então essa diferenciação dos contextos educacionais acaba se tornando um obstáculo a ser superado pelos alunos que já tem suas vidas marcadas por uma série de outras mudanças.

Para Almeida (2007), o processo de transição a universidade exige diversas competências pessoais dos alunos, como a capacidade intelectual e emocional, que poderão facilitar sua adaptação e sucesso acadêmico. Ao mesmo tempo em que este momento é pautado por enormes expectativas do aluno com relação as suas conquistas, liberdade e autonomia, também é marcado por um sentimento de ansiedade e perplexidade diante da novidade dos desafios propostos pela realidade universitária.

Portanto, ingressar na universidade significa, para muitos alunos, um afastamento das relações seguras da infância e adolescência, aumentando a necessidade de se estabelecerem novas conexões que sirvam de suporte social. Através dessa liberdade e autonomia funcional, onde o indivíduo é obrigado a gerir seu próprio tempo e recursos econômicos, a universidade vai propor desafios em termos de desenvolvimento pessoal e de identidade, fazendo com que o aluno construa um sistema de valores que o farão lidar com a complexidade de suas decisões (ALMEIDA, 2007).

Em contrapartida ao pensamento de Barros (2002), que sustenta que a qualidade da vivência acadêmica é um desafio conjunto, que não só exige medidas da organização das universidades, como também da participação dos estudantes e suas organizações estudantis, Azevedo e Faria (2004) argumentam que o novo ambiente acadêmico não é só exigente, mas também pouco receptivo as expectativas dos alunos, aumentando a dificuldade no seu processo de adaptação.

Nas instituições de ensino maiores, onde impera a impessoalidade pela dificuldade de prestar um acolhimento individual e personalizado, os alunos podem não se sentir parte da universidade, realidade que pode vir a causar um desconforto emocional e social que resultará em uma sensação de abandono e, conseqüentemente, fracasso acadêmico. Ao longo das primeiras semanas, eles podem abandonar o ensino superior ou passar por situações de insucesso universitário que abalam sua autoconfiança (ALMEIDA, 2007).

Para Ferreira e Hood (1990), o desenvolvimento do estudante é facilitado a partir de duas condições: desafio e apoio. Os indivíduos não se desenvolvem sem os desafios, pois eles exercem um papel importante no amadurecimento indivíduo. Entretanto, para lidar com situações desafiadoras, eles necessitam de apoio disponível.

Em seu estudo, Clare (1995, *apud* SECO; *et al*, 2005) identificou que algumas exigências são feitas na transição do ensino secundário para o ensino superior, bem como as características que os alunos dispõem para enfrenta-las. Entre essas exigências, constataram-se as responsabilidades inerentes à vida adulta, que se constituem em um afastamento do lar e um aumento das responsabilidades decorrentes da gestão de um novo orçamento limitado e da realização de afazeres domésticos. Ao passo que os recursos indispensáveis ao indivíduo passam pelas competências cognitivas, emocionais e sociais, até a

descoberta de um talento especial e um bom ambiente de trabalho, além do apoio familiar que tende a oferecer encorajamento e suporte para quando as adversidades parecerem mais difíceis de transpor.

Em resumo, são vários os aspectos da vida acadêmica que podem acarretar em crises na vida do aluno, pois como foi apresentado anteriormente, ajustar-se a uma realidade desconhecida, seja ela qual for, pode gerar uma série de conflitos e sentimentos que, por vezes, se tornam incapacitantes. Contudo, antes mesmo de ingressar na instituição de ensino superior o aluno já enfrenta desafios que dizem respeito à escolha do curso e a construção de sua identidade profissional, assunto que será abordado a seguir.

2.1 Escolha Profissional

As escolhas acompanham o ser humano em toda sua vivência emocional, pois qualquer escolha vem a implicar em perdas que se caracterizam pelo abandono de outras opções existentes (PINTO, 2003).

No caso da escolha profissional, é sabido que ela pode se tornar uma tortura para o aluno que necessita se posicionar diante dessa questão, por estar comumente associada ao período de transformações físicas e psíquicas do ser humano, que por si só, já geram uma série de conflitos. Além deste fato, o indivíduo é obrigado a lidar com as cobranças sociais e familiares a respeito da urgência de seu posicionamento de carreira, situação para a qual nem sempre o jovem está preparado (MELO, 2002).

Para Ávila (2009), a escolha da profissão também faz parte do processo de construção da identidade, pois ela não ocorre de forma repentina, mas vem se desenvolvendo desde a infância e vai mudando a partir da auto percepção que adquirimos no decorrer da vida, sendo na adolescência o período em que a preocupação, de fato, vem a emergir. De acordo com Almeida e Pinho (2008), esse processo se torna ainda mais complexo quando o indivíduo se depara com a multiplicidade de opções oferecidas pela sociedade contemporânea e sua constante transformação.

Lidz (1983) afirma que, geralmente, existem duas formas de se pensar na escolha profissional. Uma delas é procurar uma atividade que proporcione satisfação e prazer, com a qual se possa experimentar uma vida interessante; a outra é

considerar uma ocupação como meio de ganhar a vida e ter estabilidade, já que a preocupação com o mercado de trabalho se torna mais presente nessa fase.

Para Soares (2002), escolher uma profissão não significa, necessariamente, a obtenção do sucesso pretendido, tendo em vista que um longo caminho ainda precisa ser percorrido até que o indivíduo alcance seu objetivo final, tanto na universidade quanto na vida pessoal. Logo, a escolha profissional se constitui em um momento de confronto entre as fantasias e sonhos da infância com a realidade, esteja ela relacionada ao campo profissional ou a fase adulta como um todo (ALMEIDA; PINHO, 2008).

São muitos os fatores que influenciam a tomada de decisão no momento da escolha pela carreira, desde características próprias do indivíduo, até as suas crenças políticas e religiosas, bem como seus valores, contexto socioeconômico e familiar (ALMEIDA; PINHO, 2008). Para Silva e Treichel (2006), a escola representa um dos fatores influenciadores na escolha profissional do aluno, pois nessa fase o indivíduo vai concretizando seus pensamentos e adquirindo prática, determinando muitos pontos do seu perfil individual através do contexto educacional que está inserido. Por esse motivo é necessário que a escola dê suporte aos alunos, oferecendo um leque de opções para que eles possam desenvolver seu senso crítico com relação ao plano de carreira, já que muitas vezes a instituição se torna limitante e modela o aluno fazendo-o perder a iniciativa pessoal.

Soares (2002) afirma que a escola não estimula o processo de autoconhecimento e, por isso, os jovens tendem a sentir-se inseguros e desamparados. Isso pode vir a gerar prejuízos no momento da tomada de decisão, principalmente relacionado a carreira. Para Ávila (2009, p. 11) “este tipo de abordagem ignora aptidões individuais de cada aluno e pode gerar maior insegurança e ansiedade no processo de escolha profissional”.

Essa insegurança se dá, principalmente, na adolescência, pois esta é considerada uma fase de transição para o indivíduo, que se vê confrontado pelas novas responsabilidades atribuídas a ele. É um momento de construção da identidade, em que, baseado em seus pontos de referência, o jovem escolhe o seu caminho profissional e seu projeto de vida (FERREIRA; NELAS, 2016).

Logo, o período de escolha profissional exige um processo de autoconhecimento que em algum momento poderá gerar certo desconforto, e é na

adolescência que podemos perceber com maior incidência o desenrolar desse acontecimento (LUCCHIARI, 1993 *apud* NORONHA; *et al*, 2010).

2.1.1 Adolescência

A palavra adolescência vem do latim “adolescere” que significa “fazer-se homem/mulher” ou “crescer na maturidade” (MUUSS, 1976). Ela é caracterizada como um momento que ocorre entre a infância e a fase adulta, embora não seja entendida assim desde sempre, pois só recentemente foi reconhecida como uma fase de desenvolvimento do ser humano. Até o final do século XIX, acreditava-se que o homem passava diretamente da infância para a fase adulta, sem um estágio intermediário onde o indivíduo agrega a si próprio características significativas para o seu desenvolvimento (FERREIRA; NELAS, 2016).

Ainda para os autores, o conceito de adolescência é complexo, sendo difícil de definir onde esta fase começa e, mais ainda, quando termina. Também deve ser preferencialmente considerado como um processo ao invés de um período, pois é marcado por transformações pessoais intensas, sejam elas de cunho físico, social, psicológico ou cognitivo.

Em um contexto histórico, os povos primitivos indígenas tinham a transição para a puberdade como um acontecimento de extrema relevância, sendo marcado por cerimônias de iniciação revestidas de um sentido religioso e de um caráter de formação intelectual e moral. Eles eram separados do restante da comunidade e afastados da aldeia sob a vigilância dos anciãos da tribo para passar por ritos que representavam a morte e a ressurreição. O objetivo era mostrar aos jovens que eles deveriam morrer para a vida de irresponsabilidades da infância, ressuscitando para a vida de responsabilidades do adulto. Na Pérsia, Grécia e Roma antigas, esse período também era marcado por experiências que enfatizassem a transição da adolescência para a fase adulta, por meio de cerimônias de juramento, ingresso ao serviço militar ou substituição da vestimenta (SANTOS, 1966, *apud* FERREIRA; NELAS, 2016).

Embora a adolescência tenha perdido seu prestígio social no Renascimento, já que não existem registros de solenidades assinalando seu aparecimento, diversos historiadores situam o conceito de adolescência tal qual conhecemos hoje no decurso da revolução industrial (CABIÉ; GRAMMER, 1999,

apud FERREIRA; NELAS, 2016). Portanto, podemos observar que o conceito de adolescência tem sofrido algumas alterações ao longo da história.

Para Roberts (1988, *apud* FERREIRA; NELAS, 2016), a adolescência vem a ser “um período que envolve perdas e ganhos, que envolve a flutuação e o estabelecimento de novas maneiras de pertencer, e que envolve a aceitação de uma imagem do corpo em mudança, como resultado do início da puberdade”. Segundo Almeida e Pinho (2008), este período vem a consolidar a identidade, já que o jovem se depara com uma série de escolhas que irão definir o seu futuro e, dentre elas, podemos destacar a escolha profissional.

Dessa forma, podemos afirmar que essa fase merece um nível considerável de atenção por se tratar de uma transição que pode acarretar em problemas futuros, correndo o risco de afetar o desenvolvimento do ser humano (FERREIRA; NELAS, 2016).

De acordo com Erikson (1987), embora a formação da identidade não seja exclusiva da experiência adolescente, é aí que se encontra a sua base de desenvolvimento. Essa formação vem a ser uma consequência das diversas experiências do passado e do presente que se organizam de modo coerente. Logo, a personalidade se desenvolverá de acordo com uma sequência de estágios que se caracterizam pela existência e resolução de conflitos, possibilitando o aumento da maturidade que levará o indivíduo para a próxima fase de sua vida. O aprimoramento da identidade é constante e se realiza por meio da interação do indivíduo com diferentes pessoas e ambientes. Sampaio (1995) corrobora esse pensamento ao afirmar que a formação da identidade é um processo dinâmico, resultado das experiências de vida, desenvolvimento pessoal e influências sociais.

Lidz (1983) já firmava que existem três subperíodos na adolescência: a adolescência inicial, a semi-adolescência e a adolescência final. Na inicial começam as mudanças no desenvolvimento e a chegada da puberdade; a segunda fase é marcada pelo rompimento com padrões anteriores de amizade e a revolta contra os estereótipos sociais; a fase final é onde o jovem começa a se preocupar com as realizações futuras, que vão desde a formação familiar até a escolha da carreira profissional.

Ao se deparar com a escolha da carreira a ser seguida, o que está em jogo não são apenas os interesses e habilidades do adolescente, mas também o seu modo de enxergar o mundo e a si próprio, além do que ele sabe acerca das diversas

opções de profissão e as influências externas. Ele deve escolher não só um curso ou atividade, mas um estilo de vida, decidindo não só o que fazer, mas também o que quer ser (FILOMENO, 1997 *apud* ALMEIDA; PINHO, 2008).

Bohoslavsky (1998) afirma que a construção da identidade profissional ocorre desde a infância, a partir de identificações que o indivíduo coleciona durante o decorrer de sua vida e, aos poucos, essas identificações vão se incorporando a sua própria personalidade. Logo, a escolha pela profissão dependerá das influências externas que são exercidas sobre o adolescente e pela forma como ele desenvolveu sua relação com o mundo e com os outros (AMORIM; BARROS, 2011)

É importante abordar a adolescência como fator influenciador na escolha da carreira profissional pela atenção e orientação demandadas por esta fase, trabalho que possibilitará uma maior percepção do jovem a respeito da sociedade e de seus gostos pessoais, podendo leva-lo ao amadurecimento de suas ideias (AMORIM; BARROS, 2011).

Na adolescência há uma necessidade de reencontro consigo mesmo e da substituição dos laços afetivos infantis que ligam os filhos aos pais, por conexões mais adultas. O jovem se vê forçado, pelo desenvolvimento de sua maturidade, a tomar uma distância apropriada da idealização que tem dos pais para se relacionar com eles de forma mais realista (CORDEIRO, 1987, *apud* FERREIRA; NELAS, 2016). É aí que se destaca a influência por parte da família no processo de escolha do jovem a respeito de suas aspirações para o futuro.

2.1.2 Influências da família na escolha profissional

Desce cedo o adolescente se depara com a escolha da profissão a ser seguida e é pressionado pelo pensamento de que esta escolha deve ser definitiva, embora, muitas vezes, ainda nem tenha formado sua identidade. Para construir essa identidade o indivíduo é influenciado pelo contexto em que está inserido, onde a família possui papel fundamental nessa formação (ALMEIDA; PINHO, 2008).

São inúmeros os fatores que influenciam o indivíduo na escolha de sua profissão e a família é apontada pela literatura como um dos fatores de maior influência no momento de decisão da escolha profissional. No momento de seu nascimento o indivíduo já carrega a carga da expectativa familiar a respeito do que ele deve se tornar e que caminhos ele deve seguir. Sendo assim, os anseios

familiares acabam por impactar o desenvolvimento pessoal e vocacional do ser humano em formação, repercutindo no momento da escolha da carreira a ser seguida (SANTOS, 2005).

Santos (2005, p. 63) reitera que “a família é um entre vários facilitadores ou dificultadores do processo de escolha, mas antes de tudo tem um papel importante na realidade do adolescente e deve ser levada em consideração quando se trata de projeto de vida”. A opinião dos pais e o sentimento gerado por ela exercem influência sobre o projeto do adolescente.

Desde muito cedo os pais projetam expectativas no futuro dos filhos e esperam que eles as correspondam, fazendo com que o filho se torne uma espécie de depósito de aspirações paternas, carregando implicitamente a responsabilidade de seguir os caminhos que os pais não puderam seguir. A expectativa atribuída aos filhos pode ser manifestada de forma sutil ou explícita, o que faz com que o jovem nem sempre perceba a influência gerada pela família, que pode projetar seus sonhos não realizados nos filhos ou induzi-los a dar seguimento ao seu legado (ANDRADE, 1997). Para Santos (2005, p. 59),

As crises vivenciadas pelo adolescente e sua família incluem oscilações em sua definição profissional, indagações quanto à escolha de uma profissão rentável e segura, mas que não satisfaz, ou a opção por uma atividade que atrai, mas que não traz estabilidade financeira. Os pais podem reviver os próprios conflitos da adolescência.

Por outro lado, é importante observar que o ponto de partida para a construção acerca do conceito que o jovem possui de si mesmo e do mundo, é o histórico familiar. A família vem a influenciar não só as escolhas, mas também o juízo de valor que o sujeito terá a respeito de diversos assuntos, inclusive das profissões. Portanto, a falta de referências também prejudica o processo de desenvolvimento do jovem, já que a liberdade excessiva por parte dos pais pode gerar uma sensação de desamparo e muitas dúvidas (LUCCHIARI, 1997, *apud* SANTOS, 2005).

É imprescindível que o jovem se dê conta das influências familiares, quer sejam elas explícitas ou implícitas, como meio de colaborar na elaboração do seu projeto de carreira, já que as adequando a seus próprios desejos o indivíduo pode usá-las de forma positiva e construtiva (ANDRADE, 1997).

No pensamento de Lucchiari (1997, *apud* SANTOS, 2005), “a escolha profissional é uma oportunidade de provar a lealdade à família e de cumprir com a sua missão não apenas individual, mas familiar”.

2.2 Ingresso e integração à universidade

Ingressar em uma instituição de ensino superior e obter qualificação profissional é uma experiência importante na vida do indivíduo. Estudos indicam que, para uma parcela significativa da população adolescente que conclui o ensino médio, este é um de seus principais objetivos (SPARTA; GOMES, 2005, *apud* TEIXEIRA; CASTRO; ZOLTOWSKI, 2012).

Em geral, as expectativas que acometem os ingressantes a respeito do curso escolhido englobam pelo menos dois aspectos: a realização pessoal, onde o indivíduo almeja se manifestar de acordo com seus interesses, valores e aptidões; e a sustentabilidade financeira, em que o indivíduo consiga, por meio de seu trabalho, manter-se de forma satisfatória (PACHANE, 2004).

Portanto, o ingresso à instituição de ensino superior se caracteriza como um processo complexo de transição, cheio de novos desafios e provocações inerentes ao novo contexto de ensino, que vem a afetar a vida do ser humano. Conforme essa transição acontece, ocorrem muitas mudanças que refletem na forma como o indivíduo se enxerga e como o mesmo atua na sociedade (ALMEIDA; SOARES, 2003).

É importante dizer que essa interferência vai além do nível educacional, causando impactos significativos na vida social e pessoal do estudante e modificando seu desenvolvimento, como aponta Astin (1993, p. 20): “frequentar uma determinada faculdade ou ser exposto a um tipo particular de ambiente modifica as predições sobre como o estudante irá se desenvolver”.

Para que haja integração à universidade é necessário lidar com todos os desafios propostos pela vida acadêmica, já que as novas exigências de estudo, responsabilidades, ritmo e estratégias de aprendizagem divergem de tudo aquilo que o aluno já vivenciou em sua trajetória educacional anteriormente (ALMEIDA, 1998).

Essa integração interfere no sucesso acadêmico do estudante, que não será avaliado apenas pelas notas obtidas, mas também pelo entendimento e compartilhamento das normas e cultura da instituição acadêmica. Logo, o

envolvimento do aluno não é ditado somente pelas horas dedicadas aos compromissos curriculares da instituição, mas também pelas horas que ele dedica ao estudo, a participação em atividades extracurriculares e não obrigatórias, ao relacionamento com colegas e professores e outras experiências complementares. Esse conjunto de vivências só proporcionará ao aluno um acúmulo maior de conhecimento e habilidades cognitivas, valores, persistência, autonomia e autoconhecimento, aumentando as chances de integrá-lo com sucesso a instituição de ensino (ALMEIDA, 2002).

Tinto (1975) já alegava que a integração ao ensino superior se solidifica quando o aluno se sente parte da comunidade onde está inserido e compartilha dos aspectos da instituição, como os valores, normas e exigências didáticas.

Para reforçar esses apontamentos, no Brasil, Capovilla e Santos (2001) avaliaram a influência que as atividades extracurriculares exercem sobre o desenvolvimento pessoal de 87 estudantes do curso de odontologia de uma universidade particular do interior de São Paulo. Elas descobriram que uma simples conversa com o professor fora da sala de aula, os estágios realizados na área de odontologia, a experiência de morar em alojamentos e a prática de atividades voluntárias, provocaram mudanças significativas no raciocínio reflexivo dos alunos, em sua competência social e noção de propósito, além de um aumento da autoconfiança, habilidade acadêmica e autonomia.

Conforme Tinto (1997), se o estudante conseguir conciliar o esforço dedicado às atividades curriculares e extracurriculares, este envolvimento só irá contribuir para a sua permanência na instituição e no curso, integrando-o de fato a vida acadêmica e aumentando suas chances de graduar-se.

Para explicitar ainda mais as dificuldades enfrentadas pelos ingressantes das instituições de ensino superior registradas pela literatura e a crescente necessidade de intervenção, Almeida (1998) desenvolveu um instrumento de avaliação das experiências acadêmicas chamado: Questionário de Vivências Acadêmicas – QVA. Neste estudo, realizado a partir de uma amostra de 1.273 alunos universitários de Portugal, foi possível avaliar, por meio de 170 itens, aspectos que dizem respeito a integração acadêmica pelo ponto de vista dos alunos, ao qual foram alcançados resultados referentes ao desempenho acadêmico, projeto vocacional, adaptação acadêmica, realização acadêmica e suporte econômico-familiar. A partir desse instrumento e pesquisas posteriores, tornou-se possível

identificar quatro dimensões envolvidas na adaptação, desenvolvimento e rendimento acadêmico: a) dimensões pessoais, como percepção de bem-estar subjetivo e equilíbrio psicológico; b) dimensões associadas aos contextos (curso, instituição) e as relações interpessoais (colegas, professores, família); c) dimensões relacionadas com a realização e envolvimento acadêmicos e projetos de carreira; d) dimensões relacionadas à aprendizagem e às tarefas curriculares.

No Brasil, a validação do instrumento citado foi realizada por Granado (2005) com uma amostra de 626 alunos de duas universidades, uma pública e outra privada. Os resultados dessa análise corroboraram as informações obtidas no estudo original, embora os autores salientem que tenha sido necessária a exclusão de alguns itens, em que a configuração final constava apenas 55 deles (POLYDORO, 2000; AMBIEL; SANTOS; DALBOSCO, 2016).

Diante desta perspectiva, é possível concluir que a integração ao ensino superior vai tratar não só da adaptação as atividades acadêmicas, mas também das relações interpessoais e sociais que o aluno adquire no decorrer da graduação (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 1999.)

Também, Napoli e Wortman (1998, *apud* SCHLEICH, 2006), inspirados pelo modelo teórico de evasão desenvolvido por Tinto, em 1975, estudaram e verificaram que os estudantes que estavam mais integrados a instituição de ensino eram os mais interessados, dispostos e responsáveis, além de possuírem maior autoestima e satisfação acadêmica. Notaram também que a decisão de permanecer ou sair da graduação estava diretamente ligada a essa integração positiva.

Pelo exposto, é correto dizer que a partir do ingresso à universidade, a integração do estudante se torna um fator preponderante para seu sucesso acadêmico, podendo exercer influências positivas ou negativas sobre seu desenvolvimento. Logo, podemos afirmar que é papel da instituição de ensino estar a par deste impacto na educação dos discentes, em especial no primeiro ano de curso, visando aprimorar o processo de integração ao ensino superior, como assinalam Casanova e Polydoro (2010).

2.3 Adaptação acadêmica

Para muitos jovens, o ingresso na Universidade significa a consolidação de um sonho alimentado no decorrer dos anos de sua vida e diversas expectativas

positivas são criadas a respeito desse momento. O aluno se vê empolgado diante da perspectiva das novas e estimulantes experiências que ele irá adquirir através das interações sociais existentes no ambiente acadêmico. Contudo, essa transição é exigente e os alunos acabam se deparando com uma série de desafios que vão além dos desafios pessoais já enfrentados (ALMEIDA; SOARES, 2003).

O processo de adaptação ao ensino superior é entendido como um processo multidimensional por Freitas, Raposo e Almeida (2007), que requer por parte do estudante uma série de competências adaptativas a um novo contexto e as próprias transformações do indivíduo. Ao ingressar na universidade o estudante é confrontado por um conjunto de desafios inerentes a vida acadêmica, que irão estimular a fase de transição da adolescência para a vida adulta, por exigir do estudante, principalmente, uma maior autonomia e maturidade.

Freitas, Raposo e Almeida (2007, p. 179) afirmam que,

Estes desafios inerentes ao ingresso no ensino superior iniciam-se com a adaptação ao estabelecimento de ensino superior e ao curso, nem sempre de primeira escolha vocacional dos jovens, e decorrem das relações interpessoais que vão ser estabelecidas com os pares e professores, das exigências cognitivas e de estudo do nível de ensino em que entram, do grau de autonomia proporcionado pelos novos contextos de vida cotidiana, da saída de casa e consequente afastamento dos amigos e familiares, das exigências pessoais ao nível da gestão do tempo e do dinheiro, das perspectivas de carreira e de compromissos vocacionais com as aprendizagens e oportunidades de formação, entre outros.

Almeida (2007), chama a atenção para as novas formas de aprendizagem com a qual o aluno se depara ao ingressar na universidade, onde professores exercem menos controle sobre sua presença e acompanhamento das aulas, fazendo com que o discente tenha que descobrir como gerir seu aprendizado, já que está diante de um ensino menos estruturado e um ambiente acadêmico mais ambíguo, que espera de cada um dos alunos um nível maior de iniciativa e autonomia na gestão do tempo, o que se difere significativamente da realidade escolar com a qual o aluno se acostumou ao longo dos anos.

Logo, é possível afirmar que o ambiente acadêmico é exigente no que se refere a autonomia do discente, não só para gerir o seu tempo, mas também para assimilar a forma como o ensino superior se organiza com relação a aprendizagem e a avaliação, pois a abordagem pedagógica, os conteúdos e métodos de ensino vem apresentar um novo contexto educacional para o aluno. Essa modificação na relação pedagógica é significativa, pois é exigido por parte do discente que ele deixe de lado

o modelo do estudante passivo e passe a contribuir na construção do conhecimento, o que não é uma tarefa fácil, levando em conta a grande quantidade de conteúdos a serem assimilados e que contém uma linguagem mais técnica e rebuscada, além de uma abordagem mais abstrata, que exige menos memorização e mais compreensão. A auto regulação da aprendizagem se torna, portanto, uma das competências adaptativas mais exigidas pelo ensino superior, embora nem sempre seja promovida de forma explícita e intencional (RAPOSO, 2003).

É possível que os estudantes melhorem seus níveis de aprendizagem e desempenho ao se tornarem mais conscientes do seu processo de aprendizado, por isso é importante motivá-los a dedicar tempo e energia as atividades escolares e ao desenvolvimento de competências de adaptação estratégicas, pois ao tomar consciência de seus comportamentos de estudo, os alunos conseguem aumentar seus níveis de auto regulação da aprendizagem, o que vem a resultar em um rendimento acadêmico aprimorado (BUTLER, 1998; SCHUNK; ZIMMERMAN, 1998, *apud* SANTOS; ALMEIDA, 2001).

Dado o exposto, é possível conceitualizar o primeiro ano do ensino superior como um período delicado, onde o estudante é confrontado pela realidade que, muitas vezes, não corresponde as suas expectativas, gerando um certo grau de insegurança ou insatisfação. As novas experiências vivenciadas na vida acadêmica, embora essenciais para o desenvolvimento do indivíduo, acabam por causar certo desconforto e ansiedade pelo contingente de novas e desafiadoras situações com as quais o aluno se depara. Somando isso ao fato de que a fase de transição para a vida adulta é uma fase delicada na vida do indivíduo, onde ocorre à busca pela independência, o afastamento do lar e o surgimento de novas responsabilidades sociais e financeiras, o processo de adaptação acadêmica se mostra complexo, no qual variáveis pessoais, contextuais e de ensino interagem juntas (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA 2000; ALMEIDA; SOARES, 2003).

É imprescindível dar importância a esse fato pelo nível de evasão causado pelo insucesso no processo adaptativo do estudante. Caso o aluno não se habitue ao novo contexto logo nas primeiras semanas, ele pode se sentir inclinado a abandonar o curso, ou mesmo ter seu rendimento prejudicado pela dificuldade de assimilar e incorporar o novo contexto educacional do qual passou a fazer parte. E é aí que se destaca a importância de um apoio pedagógico por parte da instituição de

ensino superior, visando amenizar os impactos causados pelo início dessa experiência (ALMEIDA, 2007).

A universidade não pode se eximir da responsabilidade de disponibilizar suporte ao aluno que passa por dificuldades em sua adaptação, pois embora este momento seja normalmente esperado pelos estudantes que fazem a escolha por essa opção vocacional, ela vem a ser geradora de estresse, constituindo para os alunos menos resilientes uma fonte de solidão, desinteresse e, até mesmo, depressão (WINTRE; SUGAR, 2000, *apud* SANTOS; ALMEIDA, 2001). Entretanto, o que comumente acontece, é que se supõe, a partir do nível de desenvolvimento esperado do aluno, que ele consiga gerir por si próprio os desafios que o confrontam, fazendo com que os objetivos voltados ao desenvolvimento integral do estudante não sejam devidamente explicitados e trabalhados pelas instituições de ensino superior (FERREIRA; HOOD, 1990).

Para comprovar a importância dessa perspectiva, um estudo realizado por Pinheiro e Ferreira (2002), com 424 alunos de uma universidade portuguesa a respeito dos diversos níveis de adaptação, identificou que quando os estudantes recebem um suporte social elevado por parte da universidade, as experiências vivenciadas por eles são mais positivas e satisfatórias, indicando uma maior integração institucional. Logo, podemos concluir que o rendimento do aluno está inteiramente ligado a como ele se integra a instituição de ensino a qual ingressou e é por meio da sua capacidade de adaptar-se e das condições oferecidas a ele, que seu sucesso ou insucesso acadêmico são determinados (FREITAS; RAPOSO; ALMEIDA, 2007)

Upcraft e Schuh (1996, *apud* SANTOS; ALMEIDA, 2001), afirmam que o impacto causado pelo ambiente acadêmico vai variar de acordo com cada aluno, por levar em consideração as vivências pessoais de cada um deles. No entanto, independentemente dessas características individuais, existem variáveis suficientemente importantes por parte do contexto acadêmico que, como já destacava Chickering (1969, *apud* SANTOS; ALMEIDA, 2001), influem nas percepções que os alunos alimentam com relação ao campus, tornando-se fator importante para a integração e socialização acadêmica no primeiro ano de ensino. Com base no exposto neste capítulo, podemos identificar a importância de compreender o impacto das práticas educativas no desenvolvimento dos discentes,

pois ao interagir com cada uma das variáveis ambientais dentro da instituição, fortes influências são exercidas a nível social e pessoal sobre o estudante.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados no estudo a partir de sua tipologia, técnicas de coleta e análise dos dados, instrumento da pesquisa, assim como os critérios de escolha dos participantes.

De acordo com Gil (2008, p. 8), os métodos científicos se constituem em “um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Assim, os resultados obtidos nas pesquisas científicas nos ajudam a identificar e propor alternativas como meio de viabilizar a solução ou melhoria dos problemas detectados, demonstrando a importância crucial do estudo realizado (MARCONI; LAKATOS, 2010).

3.1 Tipologia da pesquisa

Ao delinear os objetivos gerais e específicos da pesquisa, foi possível identificar sua característica subjetiva, já que ao analisar o processo transitório dos alunos ao ensino superior, faz-se necessária a utilização de uma metodologia que viabilize uma abordagem mais comportamental a respeito dos fenômenos estudados. Para tanto, a presente pesquisa possui natureza qualitativa, por proporcionar ao pesquisador uma maior abertura para considerar a variabilidade do objeto de estudo.

Martins e Bicudo (2003) afirmam que a pesquisa qualitativa é abrangente. Nela a teoria e a técnica andam juntas, pois objetiva compreender ao invés de explicar determinado fenômeno, não se deixando limitar pelas generalizações, leis e princípios, mas concentrando-se no que é específico, peculiar e individual. É importante salientar que este tipo de investigação foca nos aspectos subjetivos das questões abordadas e, por isso, não pode ser traduzido em números.

Em ambas as pesquisas, qualitativa e quantitativa, é observado o interesse de compreender as relações complexas dos objetos de estudo, porém, um pesquisador adjetivado como qualitativo defende a forma de chegar a este resultado por meio da compreensão das relações entre variáveis. Logo, o que vai diferenciar uma pesquisa entre essas duas classificações não é o interesse em gerar conhecimento, mas sim, a forma como este conhecimento será tratado no estudo (GUNTHER, 2006).

Nas palavras de Mayring (2002, p. 28. *apud* GUNTHER, 2006), “nem estruturas teóricas e hipóteses, nem procedimentos metodológicos devem impedir a visão de aspectos essenciais do objeto de pesquisa”, ou seja, é necessário observar o momento em que a pesquisa deixa de ser um caso específico e passa a demonstrar aspectos não esperados que abram espaço para novas ideias, questionamentos e dados.

Faz-se necessário classificar a pesquisa, também, pelos procedimentos técnicos adotados. Para Gil (2002, p. 43), “a classificação das pesquisas em exploratórias, descritivas e explicativas é muito útil para o estabelecimento de seu marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceitual.”.

A partir dessa concepção e visando atingir o objetivo da pesquisa, que é analisar o processo transitório dos alunos ao ensino superior, proporcionando uma visão geral acerca desse fato, o presente estudo pode ser classificado como descritivo, já que essa abordagem visa descrever características, percepções e expectativas de uma parcela da população estudada. “Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc” (GIL, 2002, p. 42).

Segundo Hendrick, *et al* (1993, *apud* GRAY, 2012, p. 36), “o propósito de um estudo descritivo é proporcionar um quadro de um fenômeno como ele ocorre naturalmente”, ou seja, a partir dessa abordagem é possível delinear um panorama a respeito do fenômeno estudado ou mostrar como as variáveis se relacionam entre si.

3.2 Sujeitos da pesquisa

A presente pesquisa se direciona aos discentes dos mais diversos cursos de graduação e aos níveis administrativos das instituições de ensino superior, já que descreve características a respeito da transição acadêmica, contribuindo para a elucidação e discussão da questão.

O lugar escolhido para a realização do estudo foi o curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará – UFC, por ser ambiente familiar ao pesquisador. A UFC é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação criada em 1954. Ela atua em todo território cearense, sendo composta por sete campi

(PORTAL DA UFC, 2018). No campus Benfica funciona o curso de Secretariado Executivo, juntamente, no âmbito do Departamento de Administração.

O curso de bacharelado em Secretariado Executivo foi criado em 1995, cujo ingresso ocorre anualmente. No ano de 2018, 60 alunos ingressaram no curso e destes 50 permaneciam ativos no período da pesquisa. Dado o objetivo da pesquisa, que é analisar a transição ao ensino superior, faz-se necessário focar nos alunos do primeiro ano da graduação, ou seja, os ingressantes, pois segundo Almeida, Soares e Ferreira (2000, p. 3):

o primeiro ano da universidade tem sido conceptualizado como um período crítico, potencializador de crises e/ou desafios desenvolvimentais e como o principal determinante dos padrões de desenvolvimento estabelecidos pelos jovens ao longo da sua frequência universitária.

Vergara (2013) afirma que a escolha dos componentes da pesquisa pode ser realizada a partir dos critérios de acessibilidade e tipicidade, onde os participantes são escolhidos pela facilidade de acesso e por serem considerados elementos representativos da população-alvo por parte do pesquisador.

Logo, pelo nível de acesso aos alunos do primeiro ano do curso de Secretariado, foram escolhidos quatro alunos dessa turma seguindo o conceito de amostragem aleatória de Collis e Hussey (2005), em que, em populações pequenas, pode-se escolher os indivíduos através de um sorteio. Para a realização do sorteio, uma lista com o nome de todos os alunos ativos no primeiro semestre do curso foi obtida junto a secretaria do curso e, a partir dessa lista, quatro matrículas foram sorteadas aleatoriamente e, posteriormente, convidadas a participar da pesquisa, tendo o aceite de todas. O nome dos sujeitos não será divulgado, sendo estes identificados por entrevistado A, entrevistado B, entrevistado C e entrevistado D.

3.3 Estratégia de coleta de dados

Na pesquisa qualitativa a coleta de dados precisa adequar-se ao objeto de estudo, adaptando-se a um caso específico ao invés de criar um método único e padronizado que exclua a possibilidade de flexibilização (GUNTHER, 2006).

Para a realização da coleta de dados, utilizou-se o modelo de entrevista, que segundo Minayo (2008), pode ser considerada uma conversa com finalidade estabelecida e se caracteriza pela sua forma de organização. Ela é preferível

quando houver a necessidade de obter dados altamente personalizados e aprofundados acerca de determinado fenômeno (GRAY, 2012).

Existem vários tipos de entrevista e sua escolha vai depender do objetivo almejado pelo pesquisador. Elas podem ser divididas em cinco categorias: estruturada; semiestruturadas; não diretivas; direcionadas e conversas informais. Em seu modo mais estruturado ela é usada para fazer a coleta de dados quantitativa, utilizando questionários preparados previamente, enquanto nos modelos diretivo, direcionado e informal, temos uma maior abertura para tratar tópicos de forma mais aberta e abrangente (GRAY, 2012)

No modelo semiestruturado, o entrevistador possui uma lista de questões previamente estabelecidas que irão nortear o desenrolar da entrevista, mesmo que nem todas as perguntas venham a ser utilizadas. A partir dela é possível fazer um aprofundamento das visões e opiniões do entrevistado. “Isso é vital quando se assume uma abordagem fenomenológica em que o objetivo é explorar os sentidos subjetivos que os respondentes atribuem a conceitos ou eventos” (GRAY, 2012, p. 302). Por isso esta pesquisa terá como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada.

Segundo Patton (2002, *apud* GRAY, 2012), de nada adianta ter cuidado com as perguntas que serão feitas na entrevista se o pesquisador não registrar corretamente as informações coletadas. Portanto, o uso de um gravador se torna indispensável, não só para gravar os dados essenciais, mas também para permitir que o entrevistador se concentre na entrevista para melhor conduzi-la (GRAY, 2012). Seguindo essas recomendações, um gravador foi utilizado para registrar a entrevista completa, além de uma agenda que auxiliou na hora de fazer anotações acerca dos pontos cruciais na conversa. Tais gravações foram utilizadas na análise dos dados e alguns trechos foram transcritos fielmente para explicitar a vivência dos entrevistados.

No primeiro contato com o participante, mediante mensagem eletrônica, além do convite para a participação na pesquisa, foi esclarecido os aspectos da temática e objetivos da pesquisa, bem como a garantia da confidencialidade dos dados coletados. Esses procedimentos foram adotados para criar sintonia entre entrevistador e entrevistado, como meio de viabilizar um transcorrer mais tranquilo e produtivo da entrevista. Gray (2012) afirma que a sintonia é um entendimento que se estabelece entre ambas as partes com base na confiança e no respeito.

A partir do aceite do estudante, foi marcado o dia e horário para encontro presencial a fim de realizar a entrevista. Registra-se que o encontro ocorreu nas dependências do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, em dia e horário, conforme disponibilidade dos participantes. Cada entrevista teve a duração média de 40 minutos. Após a entrega do termo de livre consentimento (anexo A), onde o entrevistado autorizou a gravação da entrevista, o diálogo começou a transcorrer. Trechos dos diálogos são expostos no capítulo 4 a fim de explicitar as vivências dos entrevistados.

3.3.1 Instrumento de coleta de dados

A construção do roteiro para realização da entrevista semiestruturada iniciou com a busca de modelos consolidados na literatura revisada. Nessa busca encontrou-se o modelo de questionário quantitativo construído e validado por Almeida e Ferreira (1997), denominado Questionário de Vivências Acadêmicas – QVA, que se constitui em um auto-relato avaliativo da forma como os jovens se adaptam a algumas das exigências da vida acadêmica mais discutidas na literatura.

Este questionário está disponível em duas versões, sendo o modelo integral (QVA; ALMEIDA; FERREIRA, 1997) constituído por 170 itens distribuídos por 17 subescalas e o modelo reduzido (QVA-r; ALMEIDA; FERREIRA; SOARES, 2001) constituído por 60 itens distribuídos em 5 subescalas. Nas duas versões é possível identificar as dimensões da adaptação, satisfação e envolvimento dos discentes com relação ao ensino superior e a vida universitária. Esse instrumento passou a ser utilizado não só em estudos relacionados a adaptação acadêmica nas grandes universidades de Portugal, seu país de origem, mas também no âmbito brasileiro, pois apresenta como principal vantagem a grande quantidade de áreas avaliadas e itens de subescala.

A partir das questões e dimensões encontradas no questionário citado, aliado aos objetivos específicos e referencial teórico da presente pesquisa, tornou-se possível a estruturação de um instrumento de avaliação qualitativa, bem como a escolha das categorias de análise dos dados obtidos, conforme quadro 1.

Quadro 1 – Quadro síntese

Objetivo específico	Categoria de análise	Perguntas
Investigar fatores preponderantes no momento da escolha pela formação superior	Escolha profissional	O que o levou a optar pelo ensino superior? Algo ou alguém o influenciou na escolha da universidade e/ou do curso? Caso a escolha tenha sido exclusivamente sua, por que motivo e desde quando ela foi feita?
Conhecer as expectativas dos calouros com relação ao ingresso e integração à universidade.	Expectativas pessoais	Que expectativas você tinha com relação ao ensino superior? Comente como foi o ingresso. Você se sente integrado a Universidade? Existe algum fator que tenha facilitado essa integração? Pretende continuar na instituição? Neste ou em outro curso? Que motivos o levariam a desistir da universidade?
Identificar aspectos vivenciados pelos acadêmicos que interferiram na adaptação a graduação	Adaptação acadêmica	Como foi para você assimilar o ambiente acadêmico? Qual a sua relação com os colegas e professores? O que mudou nas suas relações familiares e sociais depois que ingressou na universidade? Você se considera independente? A graduação interferiu nesse autoconceito? Você consegue gerir bem o seu tempo? Pratica atividades extracurriculares? A rotina acadêmica interfere, ou já interferiu, no seu bem-estar físico e/ou psicológico? Você identifica algum tipo de suporte por parte da universidade com relação as suas necessidades? Existe algum fator que interfira no seu envolvimento com a universidade e as atividades propostas por ela? - Que fatores você considera mais relevantes para a sua permanência na universidade?

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Além dos questionamentos que envolveram a temática em estudo, também buscou-se conhecer informações pessoais dos sujeitos para facilitar a compreensão dos dados. Nesse sentido, perguntou-se sobre idade, naturalidade, estado civil, moradia e trabalho.

3.4 Análise dos dados

Para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo, que segundo Freitas, Cunha e Moscarola (1997, *apud* MOZZATO, 2011) se constitui em uma técnica refinada que exige do pesquisador dedicação, tempo e paciência, utilizando-se de sua intuição, imaginação e criatividade na definição das categorias de análise. Disciplina, perseverança e rigor são essenciais nesse processo. Bardin (2006)

organiza a análise de conteúdo em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, organiza-se o material a ser analisado visando torna-lo operacional através de quatro etapas: a primeira se trata da leitura flutuante, onde se estabelece o contato com os documentos e o conhecimento do texto; a segunda trata da escolha dos documentos, consistindo na demarcação daquilo que será analisado, a terceira é a formulação das hipóteses e objetivos; a quarta consiste na referenciação dos índices e elaboração de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos da análise (BARDIN, 2006). Nesta etapa realizou-se as transcrições fiéis das entrevistas, buscando facilitar a análise e a organização das informações coletadas e separar os recortes das falas necessários para elucidar cada uma das questões propostas pelo estudo.

Na fase de exploração do material são definidas as categorias e a identificação de unidades de registro e das unidades de contexto do documento. Essa exploração se constitui em uma etapa importante, pois a partir daí é possível possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências, onde a descrição analítica é submetida a um estudo aprofundado que se orienta pelas hipóteses e referenciais teóricos (BARDIN, 2006). Após a exploração do material foi possível averiguar a consistência das respostas concedidas pelos entrevistados e decidir se elas atendem as categorias de análise definidas pelos objetivos específicos da pesquisa. Em seguida os dados foram apresentados com os devidos recortes que exemplificassem a opinião de cada entrevistado acerca das questões de cada uma das categorias de análise.

No tratamento dos resultados, inferência e interpretação ocorre a condensação e o destaque das informações que são analisadas e em sua interpretação inferencial, sendo este o momento da intuição, análise reflexiva e crítica dos dados (BARDIN, 2006). Nesta etapa, depois da organização e apresentação do material, foi feita a análise norteada a partir dos objetivos específicos e referencial teórico da pesquisa como meio de realizar a interpretação dos dados de forma crítica e devidamente embasada na literatura para que fossem alcançados os objetivos do estudo.

4 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste tópico, primeiramente, serão expostos os dados de cada participante, obtidos nas entrevistas. Num segundo momento, serão analisados esses dados conforme os objetivos específicos da pesquisa.

4.1 Entrevistado A

A primeira entrevistada tem 18 anos, é solteira e mora atualmente com os tios, em Fortaleza. É natural da Serra da Ibiapaba, interior do Ceará, onde ainda residem seus pais e irmão.

No início da entrevista, a entrevistada conta que a opção pela universidade se deve ao fato da busca pelo conhecimento e o desejo de se inserir no mercado de trabalho através da formação profissional, visando alcançar a independência financeira. Ela afirma ter sido influenciada pela família, em especial pela tia materna, que já é pós-graduada e exerce cargo público na Universidade Federal do Ceará, o que a tornou referência e fonte de inspiração para os parentes. A tia ainda contribuiu na educação da entrevistada arcando com custos de cursos de formação complementar online e a compra de materiais didáticos.

Embora almeje a independência financeira e a construção de uma carreira profissional, a entrevistada alega que ainda se sente perdida com relação a universidade e a formação profissional, já que o ingresso à instituição de ensino superior foi assimilado por ela com grande dificuldade por causa das mudanças geradas em sua vida, como o abandono do lar para residir na capital cearense e a diferença significativa no contexto educacional com relação ao ensino médio. Ainda assim, ela pontua ter tido uma primeira impressão positiva acerca da universidade em razão do núcleo de professores e a proposta de ensino, pesquisa e extensão, além de ter muito orgulho de fazer parte da UFC, sentimento compartilhado pela família e que fortaleceu ainda mais seu vínculo afetivo. O relato 1 a seguir demonstra a sua percepção.

Achei todos os professores muito bons e muito motivadores, principalmente do meu curso. Achei incríveis os professores e a universidade em si, pelo fato dela priorizar muito a questão do ensino, pesquisa e extensão. Eu não conhecia essa visão e achei extremamente importante (ENTREVISTADO A).

A entrevistada diz ter feito uma escolha consciente do curso no qual ingressou, verificando previamente a grade curricular ofertada e priorizando o fato de ser um curso noturno, entretanto, confessa que o curso de secretariado executivo não era sua primeira opção e que não se adaptou bem a ele, planejando atualmente migrar para o curso de Letras da UFC, através de uma nova tentativa no Enem, conforme relato 2.

Eu pretendia entrar em outro curso, mas escolhi esse por ser um curso ofertado a noite e por ter gostado da grade curricular. Eu gostei muito dos professores e de alguns conteúdos, mas outros ainda não identifiquei, por isso quero mudar para o curso de letras (ENTREVISTADO A).

Ela ainda conta que suas expectativas com relação ao ensino superior giravam em torno da obtenção de novos conhecimentos e a evolução pessoal, bem como o engajamento em atividades complementares, realidade não experimentada na fase no ensino médio. Com relação ao curso a entrevistada diz não ter tido expectativas claras, mas que não esperava ver tantos conteúdos da área de administração, o que a levou a não se identificar com grande parte dos conteúdos lecionados.

A entrevistada diz sentir-se integrada a universidade, mas não totalmente, pois para isso ela enxerga que necessita se engajar mais nas atividades oferecidas pela instituição como meio de fazer parte dela por completo. Em contrapartida, um dos fatores que dificultam esse engajamento e adaptação aos horários e exigências da graduação se deve ao fato dela trabalhar para sua tia, cuidando de sua prima que tem um ano de idade, e trabalhar como bolsista na UFC. Ela alega que essas atividades tomam um pouco de seu tempo e que, por vezes, é difícil conciliar tais atividades com a vida acadêmica.

A entrevistada diz ter percebido uma exigência por parte do ensino superior com relação a maior autonomia, realidade não experimentada no ensino médio, embora ela ainda conte com a ajuda de familiares para gerir o contingente de novas exigências.

A entrevistada conta que ao assumir as novas responsabilidades inerentes a graduação, tais como aprender a se locomover sozinha pela cidade, estagiar, cuidar de uma criança, etc., fizeram-na amadurecer e avançar no seu conhecimento de mundo, embora ainda se sinta muito dependente do apoio da

família. Contudo ela revela que esse contingente de novas experiências também trouxe para a sua vida alguns transtornos, conforme explica no relato 3.

Muita coisa mudou. Muita informação ao mesmo tempo fez uma bagunça danada na minha mente e até fiquei com crise de ansiedade e tive que procurar um psicólogo. Acredito que todas essas mudanças ocasionaram isso. Eu não consigo controlar minhas emoções e isso tá interferindo no meu desempenho acadêmico (ENTREVISTADO A).

Sobre esse fato, ela conta ter recebido ajuda de uma professora que a incentivou a procurar tratamento e ofereceu apoio emocional, demonstrando total compreensão e empatia com o problema, o que a entrevistada julga ser uma experiência essencial para ter se sentido amparada dentro da universidade.

Dentro desse contexto, a motivação, a qualidade do núcleo de professores, a estrutura da instituição e o bem-estar psicológico são considerados os fatores primordiais para a permanência da entrevistada no âmbito acadêmico, ao passo que sem esse apoio ela sente-se inclinada a abandonar essa realidade.

4.2 Entrevistado B

O segundo entrevistado tem 18 anos, é solteiro, natural de São João do Jaguaribe, interior do Ceará. Atualmente mora com familiares em Fortaleza e seus pais permanecem na cidade natal.

O entrevistado conta que veio de uma família humilde do interior e que seus pais têm pouca instrução, por isso sempre almejou ingressar na universidade como meio de modificar essa realidade. Ele diz que o desejo aflorou dentro da escola, por ocasião do ensino médio, que sempre incentivou os alunos a pensarem no futuro e no que fariam a respeito de suas carreiras profissionais, assim como tinha sua curiosidade aguçada pelas séries e filmes que assistia e retratavam a vida na universidade. Para ele, todo esse contexto lhe parecia muito instigante, o fazendo imaginar como seria essa fase de sua vida. O relato 4 ilustra essa percepção.

Além da influência familiar, já que, querendo ou não, sempre tem alguém na família que pergunta se você não vai fazer alguma coisa quando terminar o ensino médio, também tiveram influências na escola e o desejo pessoal de ingressar na universidade, pois eu sempre acompanhei séries e filmes que retratavam essa realidade e eu gostava. Fiquei muito tempo imaginando como seria a minha vida quando eu entrasse na faculdade (ENTREVISTADO B).

O entrevistado afirma que ao se deparar com a escolha do curso ainda não tinha uma noção clara do que iria fazer, e que conheceu o curso de secretariado executivo por meio da literatura, já que fazia parte de grupos de leitura e teve acesso a um livro onde o personagem principal era secretário. A partir dessa experiência, no período que antecedeu ao seu ingresso na universidade ele se pôs a pensar e a analisar suas possibilidades, quando pesquisou sobre a profissão de secretariado e decidiu que tentaria se inserir no contexto acadêmico por meio deste curso.

Para ele, a primeira dificuldade encontrada para sua vinda à capital foi a resistência da mãe, que ficou receosa quanto ao futuro do filho e não demonstrou estar contente com a perspectiva de vê-lo longe de casa. Mesmo assim, eles conseguiram chegar a um acordo, além de obter o apoio dos tios e primos que já moravam em Fortaleza para acolhê-lo. Ele relewa que em todo esse processo acabou se aproximando de parentes com os quais ainda não tinha muito contato, em especial com sua tia, secretária da escola onde cursou o ensino médio. Ela que foi a grande incentivadora da busca pela mudança e fonte de informação e apoio.

A tia materna ainda exerceu grande influência sobre a escolha da universidade na qual ele ingressaria e foi ela que compartilhou de suas experiências acadêmicas afim de ilustrar para o sobrinho como seria o ambiente no qual ele estaria inserido, com todas as mudanças e exigências relacionadas ao novo contexto educacional.

Devido a este direcionamento e o diálogo mantido com outros parentes e amigos acerca do assunto, ele afirma não ter criado expectativas irreais acerca da universidade. Para ele, este momento de transição não foi assimilado com grande ansiedade, principalmente pelo fato de sua decisão ter sido tomada de forma consciente, de acordo com o relato 5.

Eu conversava com meus amigos da escola que me contavam as experiências dos parentes deles, além de ter escutado conselho de alguns familiares, principalmente da minha tia, que me dizia que a universidade é um ambiente totalmente diferente do ensino médio e por isso eu teria que assumir uma postura mais séria (ENTREVISTADO B).

Toda a sua expectativa girava em torno dos conhecimentos que iria adquirir com relação ao curso e as novas relações que faria. Muito antes de entrar na universidade, já desejava construir uma boa rede de relacionamentos visando facilitar sua inserção no mercado de trabalho. Ele atribuiu essas expectativas ao fato de ser natural de uma cidade muito pequena e com poucos habitantes, onde as

possibilidades sempre foram limitadas, fazendo com que seu desejo de vir para a capital e ingressar na universidade girasse em torno das oportunidades de crescimento pessoal, social e profissional.

Ainda pelo fato de ter vindo de cidade pequena e pacata, ele encontrou como uma de suas maiores dificuldades de adaptação à nova realidade agitada que a capital trouxe para a sua vida. As grandes distâncias, o volume considerável de opções de lazer, a insegurança e até mesmo a liberdade tão desejada, foram aspectos considerados delicados de assimilar. Contudo, ele revela sentir-se satisfeito com sua escolha.

A universidade também causou impressões positivas em seu conceito com relação a sua estrutura, conteúdos lecionados e relacionamentos, conforme relato 6.

Tenho tentado estar por dentro daquilo que a UFC oferece aos seus alunos. Esses dias fiquei sabendo que a universidade nos oferece um serviço de apoio psicológico e isso me deixou satisfeito, pois aí eu soube que se um dia eu precisar desse serviço, estarei amparado pela instituição. Então a UFC tem me surpreendido positivamente nesse sentido. São muitos os benefícios oferecidos por ela (ENTREVISTADO B).

Para ele, a parte mais difícil de administrar foi a autonomia que essa nova fase de sua vida tem lhe exigido, tanto na vida pessoal quanto na acadêmica. Ele confessa ter dificuldade de organizar bem o seu tempo e conteúdos de estudo, pois o contingente de exigências nesse sentido se mostra ser cada vez maior, sendo este um fator que poderia influenciar nas sua persistência e permanência dentro do contexto do ensino superior.

4.3 Entrevistado C

A terceira entrevistada tem 20 anos, é solteira, mora com os pais e a irmã e é natural de Fortaleza.

A entrevistada conta que desde muito cedo desejava seguir a carreira acadêmica e que toda a sua trajetória escolar girou em torno de sua preparação para esse momento. Assim que terminou o ensino médio ela conseguiu passar com facilidade no vestibular da Universidade Estadual do Ceará e começou a cursar Letras/inglês, onde se integrou ao contexto acadêmico de forma natural. Contudo, um mês após seu ingresso, a universidade passou por um período de greve e depois de seis meses sem estudar a entrevistada decidiu que tentaria outra

alternativa. Assim, refez o vestibular e passou no curso de Engenharia de telecomunicações do Instituto Federal do Ceará.

Nesse segundo contato com uma instituição de ensino superior ela continuou assimilando o contexto universitário com facilidade, mas a escolha do curso foi feita muito mais pela vontade de voltar a estudar do que pela afinidade com a profissão, o que acabou impelindo-a a tentar o vestibular uma terceira vez e escolher uma área que oferecesse um leque maior de opções com relação a sua atuação no mercado, e foi assim que a UFC e o curso de secretariado executivo começaram a fazer parte da sua vida.

Com relação as suas escolhas, ela revela que a família sempre representou uma fonte de inspiração, embora ela tenha escolhido cada um dos cursos de acordo com suas próprias aspirações. Mas a irmã mais velha, que é contadora, e que ela considerada ser uma pessoa bem-sucedida, acabou se tornando seu referencial, pois ela passou a desejar seguir o mesmo caminho que a irmã e a alcançar a mesma satisfação com a carreira. A preocupação com o investimento dos pais em sua educação e a auto comparação com a irmã a impulsionaram mais fortemente a seguir a carreira acadêmica.

A entrevistada conta que atualmente realiza estágio voluntário dentro da universidade em razão da sua vontade de integra-se ainda mais a instituição e obter mais conhecimento a respeito de seu funcionamento, conforme o relato 7.

Eu já entrei na UFC com essa mentalidade de querer fazer mais parte da universidade e essa oportunidade de estágio foi muito boa, caiu como uma luva na minha vida já que eu não estava gostando de vir só para as aulas a noite, não estava gostando dessa rotina. Então isso me ajudou a ficar mais por dentro do funcionamento da universidade e a me integrar melhor (ENTREVISTADO C).

Para ela, uma das dificuldades relacionadas ao gerenciamento de seu tempo na instituição é a sua locomoção. Por morar em Maracanaú, cidade metropolitana, ela afirma que precisa de muito tempo para chegar a faculdade, e além de ser cansativo se torna perigoso. Todos os dias faz-se necessário sair antes do fim da aula para que ela não perca o transporte.

A entrevistada considera as expectativas que tinha com relação ao ensino superior, muito realistas, já que mantinha muito contato com discentes e já estava a par de muitos dos aspectos universitários. Para ela, ter esse conhecimento prévio permitiu que viesse preparada para as adversidades e decidida com relação ao que

iria extrair da experiência. Contudo, ela revela que o aparecimento de novas oportunidades desafiadoras, problemas financeiros, familiares ou de saúde, seriam capazes de fazê-la desistir da graduação, como deixa claro no relato 8.

Eu não teria problema algum em desistir da graduação se eu visse que ela está afetando a minha saúde e que preciso de um tempo para melhorar, ou se minha família tivesse passando por algum tipo de dificuldade financeira ou qualquer outra mais séria. E meu sonho sempre foi ser comissária de bordo. Se essa oportunidade aparecesse eu abandonaria a faculdade para seguir carreira (ENTREVISTADO C).

Uma de suas maiores satisfações com relação ao novo contexto de ensino está ligada a autonomia que a didática do ensino superior proporciona, não só na gestão do tempo e conteúdo, mas também rotina pessoal, já que a partir daí ela passou a realizar muitas de suas atividades sozinha e isso trouxe consigo uma sensação de liberdade muito benéfica. Esse contexto proporcionou-lhe um nível maior de maturidade que tem refletido em mudanças positivas, inclusive, na relação familiar.

Quanto à adaptação a universidade, a entrevistada afirma que grande parte da responsabilidade é do aluno, por isso é importante fazer parte de atividades que vão além das propostas em sala de aula, e que quanto mais engajado o aluno está, mais fácil e proveitosa se torna sua vivência acadêmica. Essa percepção é registrada no relato 9.

Quando chega na faculdade, muitas vezes as pessoas têm que trabalhar fora, por exemplo, e eu acho que isso é muito prejudicial, pois você não se sente totalmente ligado a instituição, não fica por dentro do que está acontecendo. Eu acho que, principalmente no primeiro semestre, os alunos deveriam se preocupar somente em conhecer a faculdade e as atividades extracurriculares são uma ótima opção (ENTREVISTADO C).

Embora a entrevistada afirme assimilar com muita naturalidade o contexto acadêmico, ela confessa que ele exerce uma pressão sobre o aluno, que por vezes acarreta em um certo nível de prejuízo a saúde por causa do estresse vivenciado. Problemas com insônia e inquietação devido a ansiedade gerada pelas exigências curriculares são, para ela, os efeitos mais presentes. Isso fica ainda pior quando o aluno exige muito de si mesmo, como revela ser o seu caso.

Para essa entrevistada, a maior dificuldade na transição ao ensino superior é a falta de uma base sólida de ensino que deixe o aluno mais ciente daquilo que ele realmente deseja seguir.

4.4 Entrevistado D

A quarta entrevistada tem 32 anos, é casada e natural de Itapipoca, interior do Ceará.

A entrevistada conta que um dos maiores fatores influenciadores na sua vontade em ingressar na universidade foi o fato de ter vindo de uma família carente financeiramente e de pouca instrução, realidade que ela pretendia mudar através de sua própria experiência. Por isso a escolha da primeira graduação, em Gestão hospitalar, que ocorreu logo após o ensino médio, não foi bem pensada, embora tenha se revelado proveitosa e gerado um nível satisfatório de afinidade, a ponto de fazê-la ter vontade de seguir a profissão.

Enquanto a família materna é humilde e tem pouca instrução, a paterna é composta por profissionais da área de medicina e enfermagem, os quais ela confessa terem exercido certa pressão para que ela seguisse a mesma carreira. Contudo ela revela que, até mesmo pela necessidade de contrariar essas expectativas, sentiu a vontade de seguir por um caminho diferente, mesmo que permanecesse no mesmo nicho da saúde, como exposto no relato 10.

Boa parte da minha família paterna é composta por médicos e enfermeiros, então eu pensei que talvez precisassem de alguém pra gerir algum negócio em algum momento. Mas eu não queria seguir a mesma carreira que eles, como eles queriam que eu fizesse, até pela necessidade de me rebelar a essas expectativas (ENTREVISTADO D).

Mesmo tendo atingido um nível considerável de satisfação com relação a primeira escolha acadêmica, o fato de se tratar de um mercado muito específico gerou dificuldade na hora de colocar seus conhecimentos em prática e consolidar sua carreira, o que a fez optar, anos depois, por uma nova graduação que oferecesse um leque maior de oportunidades de atuação no mercado. A partir daí começou sua trajetória acadêmica na UFC, através do curso de Letras/inglês.

A escolha acabou não se tornando bem-sucedida pela dificuldade em sentir afinidade com o conteúdo lecionado e a perspectiva de atuação, assim como a relação com os colegas e professores, que se mostrou demasiadamente delicada pela distinção entre as ideias e personalidades presentes dentro do ambiente acadêmico. Esse fato a levou a optar pelo secretariado executivo no ano seguinte, onde ela viu uma possibilidade maior de pôr em prática os conhecimentos adquiridos na graduação assim como uma facilidade maior de assimilar o contexto acadêmico.

Portanto, ela considera que o maior fator influenciador na sua escolha é a possibilidade de atuar no mercado de acordo com o curso escolhido, pondo em prática o conhecimento adquirido no decorrer da graduação.

Ela afirma ter se sentido muito confortável em suas experiências de ingresso a universidade, ao que atribui o fato de sempre ter sido muito aberta as novidades proporcionadas por suas escolhas. Por isso suas expectativas sempre giravam em torno do que de novo a experiência viria a lhe proporcionar.

Para a entrevistada, a maior dificuldade enfrentada pelo aluno na adaptação ao contexto acadêmico é a inadequação do seu perfil com o perfil dos colegas e da universidade, pois esse fator gera um desconforto que acaba exigindo um nível muito maior de maturidade e persistência por parte do aluno. Logo, a afinidade com o meio, além da afinidade com o curso, é considerada por ela um fator decisivo para a permanência na instituição.

Contudo, ela afirma que a maior parte do esforço dedicado à assimilação do ambiente acadêmico deve partir do aluno, através de seu envolvimento nas práticas curriculares e extracurriculares, a interação social dentro da universidade e a dedicação aos estudos. Para ela, embora a universidade deva dispor do mínimo de estrutura e apoio no acolhimento ao aluno, é o esforço individual do discente e sua busca por conhecimento que o fazem ser bem-sucedido academicamente. Mas isso só se torna possível se o indivíduo se identifica e valida o meio no qual está inserido. Essa visão é explicitada no relato 11, a seguir.

Eu acredito que se você não se envolve e se dedica aos estudos, fazendo com que esse conhecimento vire parte das suas células, como vai colocar isso em prática? Eu tenho que fazer a minha parte pra que eu possa alcançar um resultado favorável, e embora necessite de uma contrapartida da universidade, também tenho que me condicionar a alcançar meus objetivos como aluna (ENTREVISTADO D).

Para a entrevistada o fator que dificulta seu envolvimento com a universidade é o tempo, devido ao contingente de responsabilidades atribuídas a ela, além da dedicação exigida pelo seu trabalho que, por vezes, se torna cansativo e atrapalha no foco das atividades universitárias.

Por fim, ela afirma que os motivos que a levariam a desistir da graduação estão relacionados a impossibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no decorrer da graduação no exercício da profissão escolhida, pois alega ser muito

desmotivador dedicar anos de sua vida a uma formação que não chegará a ser colocada em prática.

No tópico seguinte, analisaremos os dados coletados nessas entrevistas com base nos objetivos específicos da pesquisa e seu referencial teórico.

4.5 Fatores preponderantes no momento da escolha pela formação superior

Investigar fatores preponderantes no momento da escolha pela formação superior consistiu no primeiro objetivo específico desta pesquisa. Esse tópico, portanto, focará nesta abordagem.

Através das entrevistas foi possível notar características similares no perfil dos entrevistados, embora suas histórias e personalidades sejam significativamente distintas. Pode-se concluir através de seus testemunhos que os quatro participantes vieram de famílias financeiramente desprovidas, em sua maioria do interior do estado, e que as condições em que cresceram e foram criados exerceram influência sobre sua vontade em seguir a carreira acadêmica como meio de modificar a realidade experimentada por eles durante os anos.

Com base nas experiências dos entrevistados, foi possível perceber que o seio familiar, em especial, exerceu grande influência na opção pelo ensino superior e até mesmo no curso de graduação escolhido. Pode-se perceber que essa influência nem sempre foi direta, mas existia uma expectativa implícita por parte dos familiares com relação a escolha acadêmica dos entrevistados.

Andrade (1997) e Santos (2005) acreditam que as expectativas por parte da família vêm de muito cedo e isso é capaz de impactar o desenvolvimento vocacional do indivíduo, facilitando ou dificultando o processo de escolha da carreira, dependendo da congruência entre os desejos de ambas as partes.

Embora almejassem, com a inserção no ensino superior, a construção de uma carreira promissora que possibilitasse a melhoria de sua condição financeira, os fatores que motivaram suas escolhas partiam da necessidade de retribuir o investimento dos pais em sua educação, ou até mesmo modificar o histórico familiar de pouca instrução escolar. Lucchiari (1997 *apud* SANTOS, 2005) já tratava deste comportamento em seus estudos e o descrevia como uma oportunidade para o indivíduo provar lealdade a família.

Contudo, o que se pode perceber pelas respostas dos entrevistados, foi que essas influências familiares atuaram muito mais como fonte de referência para os jovens do que uma pressão exacerbada acerca do que eles deveriam fazer com sua vida acadêmica e profissional. É sabido que o momento da escolha acadêmica se constitui em um momento delicado, já que muitas vezes o indivíduo não se encontra apto para tomar uma decisão que julga ser para a vida toda, principalmente quando sua identidade pessoal ainda está em processo de construção e seus gostos se tornam muito voláteis (ALMEIDA; PINHO, 2008). Essas informações só corroboram o pensamento de Andrade (1997), que já chamava atenção para a importância de levar em consideração as referências familiares no auxílio do processo de elaboração do projeto de carreira. Quando bem geridas, as influências familiares se tornam benéficas.

Entre os outros fatores relevantes na hora da escolha pela experiência acadêmica, os entrevistados foram unânimes em dizer que a busca por um conhecimento mais amplo, que possibilitasse a criação de uma identidade profissional promissora, era o fator mais preponderante.

Os quatro entrevistados afirmaram ter pensado, mesmo que superficialmente, na escolha pelo curso e universidade, pesquisando previamente a grade curricular dos cursos de interesse e a estrutura oferecida pela universidade, além de conversar com amigos e familiares a respeito de suas experiências. Contudo, as entrevistadas C e D, que já haviam tido experiências acadêmicas anteriores, mostraram mais segurança a respeito daquilo que esperavam alcançar com a graduação, sendo mais racionais e realistas no momento da escolha pela segunda opção. O resultado foi a escolha de um curso que não só gerasse afinidade, mas que trouxesse conhecimentos aplicáveis e que contribuíssem de fato para a sua formação profissional.

Pachane (2004) afirma que o indivíduo é acometido por expectativas no momento da escolha acadêmica que podem girar em torno da realização pessoal ou financeira. De um lado os interesses pessoais assumem um papel de destaque nas decisões do indivíduo, onde ele passa a levar em consideração, prioritariamente, suas aptidões e interesses pessoais. Do outro lado, o mais importante é manter-se financeiramente de forma satisfatória.

Logo, percebe-se que, embora fatores externos venham a influenciar na escolha pela opção acadêmica, as aspirações e gostos pessoais dos alunos, além

do desejo de construir uma carreira de sucesso que traga retorno financeiro são os fatores mais decisivos na hora da escolha acadêmica, principalmente para aqueles que ainda não sabem ao certo que caminho seguir.

4.6 Expectativas dos calouros com relação ao ingresso e integração à universidade

Neste tópico, busca-se atender o segundo objetivo específico desta pesquisa, que foi conhecer as expectativas dos calouros com relação ao ingresso e integração à universidade.

O momento de escolha pela graduação e o processo de transição para esse novo contexto educacional gera uma série de expectativas por parte do aluno por se tratar de uma realidade, por vezes, totalmente desconhecida, que gera uma série de sentimentos conflitantes, entre eles, ansiedade e curiosidade com relação aos acontecimentos que ainda estão por vir (ALMEIDA; SOARES, 2003).

Foi possível perceber entre os entrevistados que suas expectativas variaram de acordo com a quantidade de informações que detinha a respeito do ensino superior e o contato indireto que mantinham com a universidade. Cada um dos participantes da entrevista apresentou certo nível de conhecimento acerca do contexto educacional do ensino superior e suas particularidades por causa do contato com familiares e amigos que passam ou passaram por essa experiência acadêmica. Logo, qualquer expectativa irrealista que eles mantinham antes de se aprofundar acerca dessa nova realidade ficou para trás, abrindo espaço para certa tranquilidade no que tange essa transição.

Mesmo assim, o que ficou evidente no depoimento dos quatro participantes é que a expectativa com relação ao ingresso na universidade gira em torno das novidades que a vida acadêmica irá proporcionar, não só no seu contexto didático, mas principalmente no contexto das relações construídas no decorrer da formação e as experiências que irão agregar valor no seguimento da carreira.

A partir disso, os entrevistados afirmam ter tido muito mais facilidade para assimilar o contexto acadêmico e integra-se a ele, sendo unânimes em constatar que estar bem informado facilita esse processo. Ainda assim, lidar com as cobranças, o novo ritmo de estudo, o perfil dos colegas e professores, assim como a estrutura universitária continuam sendo aspectos que exigem certo tempo para

adequação, como se pode constatar, principalmente, nos relatos dos entrevistados A e B.

Pôde-se concluir, através da fala dos quatro entrevistados, que embora as mudanças propostas pelo novo ambiente sejam, no geral, muito positivas, o tempo que cada um levará para integrar-se a universidade, bem como a qualidade dessa integração, irá variar de acordo com a disposição do aluno gerada a partir da afinidade que ele desenvolve com o ambiente em que está inserido.

As entrevistadas C e D, baseadas em sua própria vivência, destacaram que quanto mais o aluno participa das diversas experiências oferecidas pela universidade, mais rápido integra-se, alegando que o sentimento de pertencer a universidade está diretamente ligado ao quanto o aluno se dispõe a fazer parte do contexto, corroborando o pensamento de Barros (2002), que sustenta que a participação dos estudantes é fundamental para a qualidade da experiência acadêmica do aluno.

4.7 Aspectos vivenciados pelos acadêmicos que interferiram na adaptação a graduação

O terceiro objetivo específico consistiu em identificar aspectos vivenciados pelos acadêmicos que interferiram na adaptação a graduação e este é o foco da discussão deste tópico.

Através dos dados coletados, foi possível confirmar o posicionamento de Almeida (1998) no que tange a complexidade do processo de adaptação acadêmica. Cada um dos entrevistados enfrentou dificuldades específicas que vão desde a dificuldade de interação com os colegas, até o surgimento de doenças psíquicas em razão da pressão exercida pelo novo contexto educacional atrelado aos dilemas pessoais.

Com os entrevistados A e B, que são mais jovens e passaram por um recente processo de mudança de cidade, foi possível notar um maior nível de dificuldade de adaptação a universidade devido ao contingente de novas responsabilidades e experiências com as quais estão tendo que lidar. A pressão exercida pelas exigências do ensino superior atreladas a mudança de moradia, rotina e contexto familiar, gerou neles certo nível de insegurança e ansiedade com relação ao seu desempenho dentro da universidade. No caso da primeira

entrevistada, todas essas mudanças e desafios acarretaram em um diagnóstico de síndrome do pânico, problema que vem sendo tratado por ela, mas que continua atrapalhando o seu desenvolvimento acadêmico e social.

As entrevistadas C e D, por terem um pouco mais de idade e possuírem experiência anterior com o ensino superior, encararam o ambiente acadêmico com maior naturalidade, apesar da dificuldade encontrada na gestão do tempo. Para ambas, é responsabilidade do aluno procurar integrar-se a partir de sua plena inserção no contexto universitário, aproveitando as oportunidades oferecidas pela instituição como meio de agregar experiências e conhecimentos valiosos para sua formação.

Esses resultados só confirmam o pensamento de Upcraft e Schuh (1996, *apud* SANTOS; ALMEIDA, 2001), a respeito dos impactos causados pela universidade na adaptação do aluno. Eles afirmavam que a influência que o ambiente acadêmico exerce na vida de cada discente vai variar de acordo com suas vivências e personalidade. Logo, não se pode chegar à conclusão de que o ambiente acadêmico é o fator decisivo para a adaptação do aluno. Embora as variáveis do contexto acadêmico sejam significativamente importantes para a percepção do aluno acerca do campus, o que se pode perceber é que a responsabilidade é repartida entre instituição e aluno, como afirmava Barros (2002), onde a universidade atua na concessão da estrutura e apoio apropriados e o aluno atua no interesse em fazer parte das experiências oferecidas no contexto acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição e adaptação acadêmica se constituem em processos complexos que envolvem uma série de questões individuais e contextuais da vida do aluno. O objetivo principal desta pesquisa consistiu em analisar a transição dos alunos ao ensino superior. A transição foi investigada mediante três processos: a escolha pela formação, a integração à universidade e a adaptação ao primeiro ano da graduação.

Com base nos dados coletados nas entrevistas, pode-se perceber que embora fatores externos influenciem na escolha pela opção acadêmica, as aspirações e gostos pessoais dos alunos, além do desejo de construir uma carreira de sucesso que traga retorno financeiro são os fatores mais decisivos na hora da escolha acadêmica, principalmente para aqueles que ainda não sabem ao certo que caminho seguir. E mesmo que existam aspectos comuns inerentes a escolha e adaptação acadêmica, como a influência familiar na opção pela formação superior e a dificuldade em gerir as transformações do processo evolutivo do ser humano junto com o novo contexto educacional, cada indivíduo manifesta um posicionamento diferente nessa transição.

Os entrevistados que apresentaram uma maior dificuldade em assimilar o ambiente acadêmico foram aqueles que passavam por grandes transformações em suas vidas pessoais, como a mudança de cidade, o convívio com familiares distantes e a responsabilidade atrelada a chegada da vida adulta, o que acabou por prejudicar o grau de envolvimento e foco dedicados à universidade, sendo capaz de acarretar até mesmo em doenças psicológicas.

Em contrapartida, os entrevistados mais bem resolvidos com suas questões pessoais e evolutivas demonstraram mais disposição na busca pela integração, possibilitando uma experiência mais proveitosa dentro da instituição de ensino e curso escolhidos. Eles demonstraram um maior envolvimento e investimento no curso e nas práticas extracurriculares, o que lhes proporciona uma vivência mais aprofundada e positiva acerca do contexto universitário.

Com relação a esses resultados, a literatura revisada na área já salienta que a transição educacional pode acarretar em implicações negativas, não só na vida acadêmica do aluno, mas também em seu contexto social e individual, quando mal assimilada. Por outro lado, também se mostra capaz de influenciar

positivamente o indivíduo na construção e consolidação de sua identidade pessoal e profissional.

Os objetivos propostos pela pesquisa foram atingidos por meio das informações cedidas pelos entrevistados, o que significa que foi possível identificar aspectos relevantes a cada uma das etapas da transição ao ensino superior, cujos resultados são semelhantes aos apontados pela literatura revisada.

Em função dos resultados apresentados pode-se concluir que a universidade e o aluno possuem responsabilidade compartilhada no processo transitório. Contudo, é imprescindível a atenção da instituição direcionada aos alunos, em especial aqueles que estão na fase de transição ao ensino superior, bem como a implementação de intervenções de apoio psicossocial que visem minimizar as dificuldades enfrentadas pelos discentes com relação ao novo contexto educacional atrelado as mudanças pessoais.

Enquanto provocações para futuros estudos indica-se a relevância de mapear ações universitárias oferecidas ao estudante nesse período inicial da graduação, como meio de apoiá-lo no processo de integração e adaptação acadêmica, bem como a eficácia dessas ações. Outra abordagem para aprofundar essa temática seria a investigação em torno das causas de evasão do âmbito do curso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. **Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do ensino superior**: estudo junto dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. Braga, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho: CEEP, 1998.

_____. Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 6, n. 2, p. 155-165, 2002.

_____. Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, 2007.

_____, FERREIRA, J. A. **Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA)**. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 1997.

_____, SOARES, A. P. C., FERREIRA, J. A. G. Transição e adaptação a universidade: apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA). **Psicologia**, Lisboa, v.14, n. 2, 2000.

_____, SOARES, A. P. Os estudantes universitários: desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E., POLYDORO, S. A. J. (org.), **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003, p. 15-40.

ALMEIDA, M. E. G. G. de, PINHO, L. V. de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia clínica** [online], v. 20, n.2, p. 173-184, 2008.

AMBIEL, R. A. M., SANTOS, A. A. A., DALBOSCO, S. N. P. Motivos para evasão, vivências acadêmicas e adaptabilidade de carreira em universitários. **Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 288-297, 2016.

AMORIM, K. B. L., BARROS, L. S. **O jovem adolescente e a escolha profissional**. Psicologado, 2011.

ANDRADE, T. D. A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In: LEVENFUS, Rosane (org). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

AVILA, D. P. **O processo de escolha profissional vivenciado por estudantes do**

ensino médio da rede particular de ensino. 2009. 56 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC, 2009.

AZEVEDO, A., FARIA, L. Manifestações diferenciais do autoconceito no fim do ensino secundário português. **Paidéia**, v.14, p. 265-276, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

BARROS, M. **A relevância e a qualidade da vivência acadêmica:** um percurso de formação ativa. Guimarães: Universidade do Minho, 2002.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional:** a estratégia clínica. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAPOVILLA, S. L. e SANTOS, A. A. A. Avaliação da Influência de Atividades Extramuros no Desenvolvimento Pessoal de Universitários. **Psico**, Bragança, v.6, n.2, jul./dez., p. 49-58, 2001.

CASANOVA, D. G., POLYDORO, S. Integração ao Ensino Superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. **Psicologia: ensino e formação**, v. 1, n. 2, p. 85-96, 2010.

COLLIS, J., HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração:** um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ERIKSON, E. H. **Identidade juventude e crise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FERREIRA, J. A., HOOD, A. Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, p. 391-406, 1990.

FERREIRA, M., NELAS, P. B. Adolescências, adolescentes. **Millenium: Journal of Education, Technologies and Health**, p. 141-162, 2016.

FREITAS, H. C N. M., RAPOSO, N. A. V., ALMEIDA, L. S. Adaptação do estudante ao ensino superior e rendimento académico: um estudo com estudantes do primeiro ano de enfermagem. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 41, n. 1, p. 179-188, 2007.

GRANADO, J. I. F. Integração acadêmica de estudantes universitários: contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. **Psicologia e Educação**, Portugal, Universidade da Beira Anterior, v. 4, n. 2, p. 33-43, 2005.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

INEP. MEC e Inep divulgam dados do Censo da Educação Superior 2016.

Disponível em:

<http://portal.inep.gov.br/artigo//asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mec-e-inep-divulgam-dados-do-censo-da-educacao-superior-2016/21206> Acesso em: 25 de maio de 2018.

LIDZ, T. **A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

MELO, F. A. F. **O desafio da escolha profissional**. São Paulo: Papyrus, 2002.

MINAYO, M. C. S.. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MUSS, R. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

PACHANE, G. G. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In: MERCURI, E., POLYDORO, S. A. J. (Orgs.), **Estudante**

universitário: características e experiências de formação, p. 155-186, Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

PLATAFORMA DEGÓIS. **Curriculum Vitae.** Disponível em:

<<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6494515468650454>> Acesso em: 4 de junho de 2018.

PINHEIRO, M. R. M., FERREIRA, J. A. A. **Suporte Social e Adaptação ao ensino Superior.** Contextos e dinâmica da vida acadêmica, Portugal, Universidade do Minho, 2002.

PINTO, J. M. **Adolescência e escolhas:** a descoberta da singularidade. Coimbra: Quarteto, 2003.

POLYDORO, S. A. J. **O trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário: condições de saída e de retorno à instituição.** 2000. 179 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

PORTAL DA UFC. Disponível em: < <http://www.ufc.br/> > Acesso em: 06 de junho de 2018.

RAPOSO, N. V. **As abordagens da adaptação ao ensino superior:** as mudanças de contexto, de relação pedagógica, de conteúdos e de métodos. Coimbra: Comunicação pessoal, 2003.

SAMPAIO, D. **Inventem-se novos pais.** Lisboa: Caminho, 1995.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Revista Psicologia em estudo**, Maringá, v.10, n.1, p. 57-66, 2005.

SANTOS, L., ALMEIDA, L. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: estudo com universitários do 1º ano. **Análise Psicológica**, v. 2, n. 19, p. 205-217, 2001.

SANTOS, A. A. A., POLYDORO, S. A. J., SCORTEGAGNA, S. A., LINDEN, M. S. S. Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, n. 4, p. 780-793, 2013.

SCHLEICH, A. L. R. **Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica de estudantes ingressantes e concluintes**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

SECO, G., CASIMIRO, M., PEREIRA, M., DIAS, M., CUSTÓDIO, S. **Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões**. Edição Instituto Politécnico de Leiria: Leiria, 2005.

SILVA, E. L. da, CUNHA, M. V. da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652002000300008&lng=en&nrm=iso > . Acesso em: 14 de maio de 2018.

SILVA, J; TREICHEL, A. Orientação vocacional: interferência da escola na escolha profissional. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 9, p. 105-108, 2006.

SOARES, A. P. C., ALMEIDA, L. S. **Transição para a universidade: apresentação e validação do questionário de expectativas acadêmicas (QEA)**. In: VI CONGRESSO GALAICO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 2, 2001, Portugal. *Atas...* Portugal: Universidade do Minho, 2001. p. 899-909.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

TEIXEIRA M. A. P., CASTRO, A. K. S. S., ZOLTOWSKI, A. P. C. Integração Acadêmica e Integração Social nas Primeiras Semanas na Universidade: percepções de estudantes universitários. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 69-85, 2012.

TINTO, V. Dropout from higher education: a theoretical synthesis of recent research. **Review of Educational Research**, v. 45, n. 1, p. 89-125, 1975.

TINTO, V. Classrooms as communities: exploring the educational character of student persistence. **Journal of Higher Education**, Ohio, v. 68, n. 6, p. 599-623, 1997.

VEGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA APLICADO AOS ALUNOS ENTREVISTADOS DO PRIMEIRO SEMESTRE DE SECRETARIADO EXECUTIVO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado (a) “**A escolha acadêmica e o processo de adaptação no primeiro ano do ensino superior**”, desenvolvida (o) por **Thayanne Mayra Matos de Almeida**. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é coordenada/orientada por **Daniela Giareta Durante**, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail danielagiareta@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é **analisar o processo transitório dos alunos ao ensino superior**.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (s) orientador (es) / coordenador (es).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____